



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Martins Pena
Os meirinhos



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Os meirinhos
Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Peça escrita no ano de 1845.

Livro Digital nº 892 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Luís Carlos Martins Pena
(1815 - 1848)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

OS MEIRINHOS



PERSONAGENS:

MANUEL PIABA

JOÃO PATAQUINHA (meirinhos)

JOSÉ PATUSCO

COIÓ CHEM-CHEM (dono de bilhar)

FRÓIS FIGUEIRAS.

FLORENCIO (rico negociante)

JÚLIA (sua filha)

AUGUSTO (amante de Júlia)

MARIA NAVALHA (mulher de Manuel)

Jogadores de bilhar.

ATO ÚNICO

CENA I

O teatro, na antecena, representa uma sala... Portas laterais, mesas de um e outro lado; no fundo, três portas que deitam para outra sala, onde se vê um bilhar em que jogam diferentes pessoas, e outras sentadas em bancos ao redor, diversamente vestidas — tudo como se observa nessas casas de jogo.

Nota: Durante a representação jogam bilhar, com as modificações que vão marcadas.

(Manuel e João Pataquinha, sentado à mesa da esquerda, escrevendo; Manuel Piaba, sentado à direita, bebendo. Na sala de bilhar jogam)

JOÃO *(escrevendo)*

"...que tão injustamente lhe foi dilapidada, pertencendo-lhe estas propriedades como em juízo mostrara. Portanto pede a vossa senhoria se digne mandar citar o suplicado para comparecer na primeira audiência desde Juízo, E.P.M. Citei ao suplicado hoje, 20 de

junho de 1945, do que dou fé e passei esta por me ser pedida. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945, do que dou fé e passei esta por me ser pedida. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1945. João da Assunção Amor Divino, oficial de justiça de Juízo Municipal." (*Falando*) — Está pronta a contrafé... Bom, tenho os meus dez tostões ganhos. Vai bem o dia... (*Chamando*) Manuel Piaba?

MANUEL

O que queres, João Pataquinha?

JOÃO

Que horas são?

MANUEL

Não sei.

JOÃO

O teu relógio?

MANUEL

Empenhei-o antes de ontem na Rua da Cadeia por quatro mil-réis, e desta enormíssima quantia estou bebendo os últimos vinténs... (*Olhando para a garrafa*) — Quero dizer, já bebi...

JOÃO

Estás com a onça?

MANUEL

O que queres? Deus pôs o homem no mundo para beber e comer; é preceito católico. Enquanto há, bebe-se; quando não há, bebe-se ainda e come-se dos amigos. Para isso é que se inventaram os amigos.

JOÃO

Queres tu jogar uma mãozinha de trinta-e-um?

MANUEL

Vá feito. (*Levantando-se*) — Mas olha que eu estou na disgra, e quando jogo secam-se as goelas de modo que temo ficar danado...

JOÃO (*chamando*)
Ó ócio?

MAUNEL
Pagas?

JOÃO
Pago.

MANUEL
Bravíssimo, venham as cartas.

JOÃO (*chamando*)
O Chem-Chem do diabo?

CHEM-CHEM (*na outra sala*)
O que é lá?

JOÃO
Vem cá... Aqui estão as cartas. (*Tira da algibeira da casaca um baralho de cartas muito sujo*) Embaralha tu.

(*Entra Chem-Chem*)

CHEM-CHEM
Tu é que me chamaste, Piaba?

MANUEL
Não, foi João Pataquinha.

JOÃO
Manda-me uma garrafa da branca.

MANUEL

Sim, sim, da branca, que é mais fresca e corroborante.

CHEM-CHEM

Já vem... (*Sai*)

MANUEL

A real o tento?

JOÃO

Sim... anda...

MANUEL (*dando as cartas*)

Três e três... o diabo que te fez... estás para mim doce... muito bem...
é trunfo... às de copas... joga lá... que és a mão...

CHEM-CHEM (*entrando com uma garrafa*)

Aqui está.

MANUEL

Ora venha esse godório da bela bicuíba...

CHEM-CHEM

Não querem mais nada?

JOÃO

Não.

(*Chem-Chem sai*)

MANUEL (*deitando aguardente no corpo*)

Nada no mundo põe o homem com ideias mais claras do que um
pingo de filosofia... à tua... (*Bebe*)

JOÃO (*bebendo*)

Para que vivas mil anos.

MANUEL (*depois de beber, cantando*)

Ora deem-me da branca, senão desmaio; ora deem-me da branca, senão desmaio. (*Falando*) Querida beladona, milagrosa senhora!

JOÃO (*jogando*)
Joga.

MANUEL
Espera, que a sobredita cuja ficou-me atravessada nas goelas; é preciso empurrá-la. (*Deitando aguardente no corpo*)

JOÃO
Acabarás por ficar bêbado... E assim é que um indivíduo só como tu desacredita um corporação; encontram-te moafa na rua, e depois dizem — Todos os meirinhos são assim! — sem fazerem diferença dos bons e maus.

MANUEL
Quem, eu? Bêbado! Com este néctar brasileiro? (*Bebendo*) Isto dá Juízo, a filosofia do Juízo. Ah, que pinga! E viva a pátria! Vamos. (*Jogam*) É tua, joga. Ah, sô pinote, esta agora é do meco... Não podes comigo... Toma lá esta para teu sabão.

JOÃO
E esta para teu tabaco... Disto não pescas...E esta vai quentinha... paus nos dias maus...

MANUEL
E carapaus, é minha...

JOÃO
Para cá vens de carrinho...

MANUEL
Chupa mais esta. (*Jogando com entusiasmo*)

JOÃO
Ai que conheces a força dos pastéis de nata.

MANUEL

E a mana é nata?

VOZES (*dentro, na sala de bilhar*)

Bravo a carambola, bravo! Ganhou, ganhou! Bravíssimo, bem jogando!

JOSÉ

Não foi carambola!

VOZES

Foi, foi! Não foi!

JOSÉ

Arrastou o taco, é ladroeira!

VOZES

É ladroeira! Não é! Ladrão será ele!

MANUEL

Que diabo é lá isso?

VOZES (*dentro, gritando*)

Vinte e cinco pontos! Roubados! Perdeu! Ganhou! Ladrão! Patife!

(Confusão na sala de bilhar, e os jogadores jogam às bordoadas com os tacos. José grita como desesperado, e Chem-Chem esforça-se para apaziguar a contenda)

JOÃO

Pegaram-se.

MANUEL

É o diabo do José Patusco.

JOÃO (*chamando*)

Ó Patusco?

MANUEL

Ó José Patusco? Ó maluco do diabo, vem cá.

CENA II

Entra José Patusco, trazendo ainda o taco na mão.

JOSÉ (*entrando*)

Cambada, corja!

MANUEL

O que foi isso lá?

JOSÉ

O que havia ser? O patife do Antônio Pé-Pé que arrastou o taco assim e fez uma carambola. Qual carambola! Para ganhar-me Ladrão!

JOÃO

Deixa-o lá, senta-te aqui e vem jogar conosco.

MANUEL

E beba um gole desta sempre-viva. (*Deitando no copo*)

JOSÉ

Não bebo, não tenho teus maus costumes.

MANUEL

Não queres? Isto assim no copo perde o fartum. (*Bebe e estrala os lábios. Jogam*)

JOÃO

Para que temestes com esta canalha?

JOSÉ

Ora, o *l'argent* faz-me cócegas nas algibeiras.

MANUEL

Olé, tens *l'argent comptant*?

JOSÉ

Algunzinho, Piabinha.

JOÃO

Como o ganhaste?

JOSÉ

Ontem pela manhã tivemos ordem de dar em uma casa aonde haviam meias-caras. A diligência havia de ser feita a noite, mas eu, que já sei por experiência como se vive no mundo, fui mais que depressa contar tudo ao dono dos meias-caras, e quando lá chegamos à noite os melhores estavam fora do ninho.

MANUEL

E isto rendeu-te...

JOSÉ

Cinquenta mil-réis.

JOÃO

Bravo!

JOSÉ

Regra geral: toda a vez que uma maroteira render mais do que o comprimento de um dever, haverá no mundo maior de velhacos do que de homens de bem.

MANUEL

É verdade; tu ganhaste cinquenta mil-réis por uma maroteira, e eu, uma sova de pau por cumprir ontem meu dever.

JOÃO

Como foi lá isso?

MANUEL

Um sujeito lá de Inhaúma devia certa quantia a outro cá da cidade, e não a queria pagar. O credor, à custa de muito empenho, obteve um mandado de penhora e escolheu — me para executá-la. Aluguei um cavalo no Largo da Sé — que bacamarte! — levei dois formidabilíssimos tombos no caminho — que caminhos! Também a Câmara Municipal não vê isso! — e chegando à casa do executado apresentei-lhe o mandado, e o patife, em vez de se prestar ao andamento da Justiça de boa vontade, puxou por um pau, e agora verás...

JOSÉ e JOÃO (*rindo-se*)

Ah, ah, ah!

MANUEL

Vocês riem-se? Cá tenho o lombo em pandarecos! E se não deito a correr como um veado, lá ficava-me o canastro.

CENA III

Fróis e os ditos.

FRÓIS

Manuel, Piaba?

MANUEL

Que é lá? Ah, Fróis!

(Manuel fala com a dificuldade das pessoas que principiam a ficar com as ideias perturbadas pelo vinho)

FRÓIS

Preciso muito de ti.

(Manuel levanta-se e vai com Fróis para o lado esquerdo do teatro. José e João ficam a mesa, jogando)

MANUEL
Para quê?

FRÓIS
Vou hoje tirar uma moça por justiça.

MANUEL
Tu? E quem é a moça?

FRÓIS
A filha de meu antigo amo Florêncio Antônio.

MANUEL
A filha do Florêncio, de um negociante tão rico, quer casar contigo?
Estais zombando.

FRÓIS
Vê-lo-ás. Queres ou não acompanhar-me? A sege está a nossa espera.

MANUEL
Acompanho-te habilidade de arranjares esse casamento tão rico?

FRÓIS
Nada mais fácil. Sabes que fui durante dois anos caixeiro do Florêncio, pai de minha bela, e enquanto tratava dos negócios do pai namorava a filha.

MANUEL
E por isso te pôs ele no olho da rua. Ah, ah!

FRÓIS
Não foi só por isso. Dizia ele que eu em vez de cuidar nos seus negócios, gastava todo o meu tempo nos botequins e bilhares.

MANUEL

Lá isso é verdade. Aqui neste bilhar foi eu te conheci. E faço-te justiça, gastavas dinheiro como um príncipe, pagavas a pinga...

FRÓIS

Para que serve o dinheiro, senão para gastar-se?

MANUEL

É verdade. Principalmente quando ele não é nosso.

FRÓIS

Hein?

MANUEL

Tenho cá minhas desconfianças que andavas também namorando do dinheiro de teu amo.

FRÓIS

Quem te disse?

MANUEL

Suponhamos que assim era, e continua.

FRÓIS

Tivesse ou não razão, pôs-me para fora de sua casa; mas eu, nada de deixar o namoro... Assim era eu asno!

MANUEL

Se a coisa estava pagada...

FRÓIS

Mais que pegada. A menina estava mesmo pelo beijo — que tolinha! — apesar da corte que lhe fazia um tal senhor Augusto, amigo do velho. Mas esse é um toleirão, pensa que se namoram as moças do tempo de hoje com suspiros e olhadelas a futuro... Eu cá tenho o meu sistema... Cartinhas sobre cartinhas, promessas as mãos

cheias, e toca para diante. Comprometê-las, oferecendo-se a ocasião. Não há nada como comprometer uma moça; ao depois alcança-se delas tudo.

MANUEL

Sim, e às vezes também uma arrochada de pau da parte dos parentes.

FRÓIS

Quem nada arrisca nada tem. Demais, aí está o resultado para justificar-me. Tanto fiz, que até arranquei da menina uma cartinha — aqui a tenho — e graças ao seu conteúdo, vou hoje tirá-la por justiça... E tenho a minha fortuna feita; pai possui para mais de duzentos contos; ela é filha única. Teremos bom dote e depois a herança.

MANUEL

Sim, sim, conta com isso... Não vê que cansado ele a filha contra sua vontade há de dar dote. E quem sabe mesmo se a não deserdará?

FRÓIS (*rindo-se*)

Ah, ah, ah! Não dar dote! Deserdá-la! Ou és tolo, Piada, ou queres-me fazer de tolo. Quem tira moça rica por justiça já sabe como estas coisas se fazem, e calcula muito bem. Ah, se calcula! Nos primeiros dias o pai ou a mãe lograda gritam, esbravejam: "Filha ingrata, abandonar sua mãe que tanto a estimava! Perversa! Quem o diria? Ingrata, ingrata!" No fim de uma semana já a coisa está mais serenada e principiam a lembrarem-se da filha com saudades. Então aparecem as amigas e os amigos: Ora, senhora dona Fulana, ora senhor Fulano, ela sempre é sua filha... Fez mal, verdade, mas enfim o mal está feito; lembre-se que é seu sangue, na sua filha, que viverá na miséria, se a não perdoar. Estas e outras lamúrias, que a maior parte das vezes são de encomendas, e a natureza, que sempre puxa...

MANUEL

Ah, se puxa! Puxa.

FRÓIS

Acalma toda a indignação, perdoa-se a filha rebelde e aí vem o dote cantando... Isto são favas contadas! É cálculo que não falha, por isso há tantas moças tiradas por justiça.

MANUEL

Então os que tiram moça rica por justiça não se importam com os pais e as mães?

FRÓIS

E para quê? Nós o que queremos é o consentimento das moças. A sábia e providente natureza que se encarregue de consolar os pais e mães e trazê-los a razão. Tu não sabes, Piaba, que forcas tem o vínculo sagrado do sangue, o grito da natureza, o amor maternal. Ah, ah!

MANUEL (*à parte*)

Este vai longe no mundo; é velhaco!

FRÓIS

Enfim, caro Piaba, meteu-se-me na cabeça que havia de ser rico. E como não tenho grande vontade de trabalhar, nem paciência para esperar anos pela riqueza, procurei uma herdeira rica; é um meio de fazer fortuna como outro qualquer, e mais suave...

MANUEL

Se a mulher não é o diabo.

FRÓIS

Nesse caso, meu Piaba, fica-se com o dinheiro, e manda-se o diabo para o inferno. Espera, preciso falar com Chem-Chem. Ó Chem-Chem? (*Chamando*)

MANUEL

O que queres com ele?

FRÓIS

Tenho que lhe falar.

CHEM-CHEM (*à porta do fundo*)

Quem me chama?

FRÓIS

Escuta.

CHEM-CHEM

Oh, é tu? (*Aproxima-se*) Que temos?

(Enquanto Fróis pratica com Chem-Chem, Manuel aproxima-se da mesa aonde estão João e José e com eles mostra que fala)

FRÓIS

Quero-te dar parte que me caso.

CHEM-CHEM

Sim? E com quem?

FRÓIS

Com um peixão.

CHEM-CHEM

Fala francês?

FRÓIS

O quê?

CHEM-CHEM

Pergunto se ela fala francês, ou se traduz só.

(Assim dizendo esfrega o dedo polegar no dedo indicador com quem quer perguntar se tem dizendo)

FRÓIS

Oh, fala perfeitamente... E que linda pronúncia que tem!

CHEM-CHEM

Belo é isso. E quando o casório?

FRÓIS

Em duas ou três horas. Vou agora mesmo daqui com o amigo Piaba tirá-la por justiça.

CHEM-CHEM

Ah, maroto, já me admirava que não fizesses das tuas..

FRÓIS

Mas meu caro Chem-Chem, eu tenho um grande favor que pedir-te; ficar-te-ei muito agradecido e mesmo te recompensarei depois que receber o dote.

CHEM-CHEM

Conta comigo.

FRÓIS

Eis o caso. Se eu não tiro neste quarto de hora a moça da casa do pai, esse, que já anda meio desconfiado, é capaz de embargar-me a vasa; por outro lado, se tiro já a dita, não posso levá-la imediatamente para a igreja e casar-me, porque me faltam certos papéis.

CHEM-CHEM

E que queres tu que eu faça?

FRÓIS

Eu te digo. Vou já tirar a menina; isto concluído, deposito-a em tua casa, enquanto arranjo os papéis, e volto depois.

CHEM-CHEM

Oh, homem desalmado! Depositá-la aqui... Uma menina em um bilhar? E demais, não tenho família e isso seria feio. Uma menina que será tua mulher?

FRÓIS

E o que tem isso? É um momento.

CHEM-CHEM

Sim, mas ela estranhará, deve espantar-se e...

FRÓIS

Estás enganado. Quem se deixa tirar por justiça não se espanta por tão pouco. Fazes ou não por favor?

CHEM-CHEM

Por mim estou as tuas ordens. Tenho aquele quarto e lá ficará. A tua observação convence-me.

FRÓIS

Obrigado! Manuel, vamos.

MANUEL (*para José e João*)

Esperem-se, que já volto. (*Sai com Fróis*)

CENA IV

João e José à mesa, e depois Maria.

JOÃO

Já o Piaba achou freguês.

JOSÉ

Sempre disse que ele é mais feliz do que nós.

JOÃO

É, é, mas o diabo não ajunta pecúnia, tudo é tudo é pouco para a beladona.

JOSÉ

Está bom, parla pouco e joga, Pataquinha da minha alma. Deixa-o beber, que bebe do que é seu.

(Aqui entra Maria navalha de mantinha pela cabeça)

JOÃO *(vendo-a)*

Que bruxa é essa que aí vem?

MARIA

Senhor José Patusco?

JOSÉ

Oh, és tu, Maria Navalha?

MARIA

O senhor viu por cá meu marido, Manuel Piaba?

JOSÉ

Não há cinco minutos que daqui saiu.

MARIA

Para onde foi?

JOSÉ

Não sei.

MARIA

Voltará?

JOÃO

Disse-nos que sim.

MARIA

Esperarei. Dá licença que me assente?

JOÃO

Pois não. *(Maria assenta-se)*

JOSÉ

Quer tomar um godório?

MARIA

Obrigada.

JOÃO

Então anda procurando seu marido?

MARIA

O que quer o senhor? Desde ontem pela manhã que saiu de casa ainda lá não voltou. Nem vintém deixou-me para comer. Isto são modos? Se o encontro, ponho-lhe a minha marca.

JOSÉ

Safa, rascada! (*Levanta-se*)

JOÃO

Onde vás?

JOSÉ

Dar algumas voltas. (*Sai*)

MARIA

Ah, Sr. João, dê graças a Deus não ser o senhor casado com um marido como o meu. Aí vem gente.

CENA V

Florêncio e os ditos.

FLORENCIO

Perdoe-me, o senhor é oficial de justiça?

JOÃO (*levantando-se*)

Para o servir.

FLORENCIO

Quisera que se encarregasse deste mandado de prisão.

JOÃO

Pois não. (*Tomando o mandado*)

FLORENCIO

Esse mandado é lançado contra Fróis Figueiras, como falsificador de firma.

JOÃO

Fróis Figueira?

FLORENCIO

Conhece-o?

JOÃO

Muito. Deixe o caso por minha conta, que há de ficar satisfeito com a diligência.

FLORENCIO

E além da paga da lei, serei generoso.

JOÃO

Vou executá-lo quanto antes. Falsificador? Que tratante! (*Sai*)

CENA VI

Florêncio e Maria sentada a mesa.

FLORENCIO (*à parte*)

Tenho sido até hoje indulgente com esse moço que por dois anos foi meu caixeiro. Cansado de aturar seus vícios e extravagâncias e exasperado pelo seu atrevimento em namorar minha filha, expulsei-o de minha casa. Dos vícios ao crime o caminho é escorregadiço... Dois meses depois de sair de minha casa, foi-me apresentada uma letra por mim aceita e cuja firma reconheci ser falsa; paguei porque minha assinatura estava perfeitamente imitada. Indagando ao depois, soube que o autor desse crime era esse mesmo moço. Tive

compaixão de sua mocidade e não dei por isso andamento ao processo que o levaria a expiar o crime nas galés. Mande avisar-lhe que muito bem conhecia de onde partia o atentado; mostrou-se arrependido e eu o supus emendado. Como enganei-me! Avisaram-me ontem que ele premedita roubar minha filha. Ainda que não possa crer em semelhante arrojado, bom será acautelar-me. Quis ser compassivo e eles obriga-me a persegui-lo. Assim o quer, assim o tenha... Daqui a duas ou três horas já não o temerei; as portas da cadeia fechar-se-ão sobre ele. Vamos para casa; bom será tomar por lá também as necessárias precauções. (*Sai*)

CENA VII

Maria, só.

MARIA

Que diabo estava este velho a resmungar? Se fosse mulher, diria que anda atrás do marido; mas sendo homem, não sei... Decerto não procura mulher. (*Ouve-se o radar de uma sege, que para*) Aonde estará o meu Piaba? Ah, se o pesco, meto-lhe este cinco anzóis pelas goelas...

CENA VIII

Entra Manuel seguido de Júlia, que virá envolta em um grande xale e um véu pela cabeça. Manuel está completamente bêbado.

MANUEL

Chem-Chem? Ó Chem-Chem?

MARIA (*à parte*) Ai, que é ele... E trás uma mulher! (*Esconde-se atrás da mesa, abaixando-se*)

CHEM-CHEM (*entrando*)

O que é lá?

MANUEL

Aqui está esta moça do Fróis, sabe?

CHEM-CHEM

Sei. Venha cá, minha senhora.

JÚLIA

Mas para onde me conduzis, senhor?

MANUEL

Não tenha medo, que não somos papões.

MARIA (*à parte*)

Que quererá isto dizer?

JÚLIA (*à parte*)

Meu Deus, deixar-me ele aqui com pessoa que eu não conheço e com um companheiro neste estado!

CHEM-CHEM

A senhora não é a pessoa tirada por justiça pelo Sr. Fróis?

JÚLIA

Sim senhor.

MANUEL

Foi ele mesmo, compadre, que a tirou, e ainda em cima pagou-me a bela da pinga.

CHEM-CHEM

O Sr. Fróis, meu amigo, pediu-me que a tivesse aqui depositada por alguns instantes, enquanto ia concluir certos arranjos para se poder casar.

JÚLIA

Depositada aqui, em uma casa de bilhar! Ah, eu supus, quando ele deixou-me à porta, que estava em uma casa de família.

CHEM-CHEM
Estamos em família.

JÚLIA
Quero-me ir embora.

CHEM-CHEM (*retendo-a*)
Esperai, agora é tarde. Para que vos deixastes tirar por justiça? Tive animo para isso e não tem agora para demorar-se aqui um instante? Ora, gosto destes momos! Sou macaco velho, menina; não me logra como logrou seu pai. Esta casa é muito capaz.

MANUEL
Capacíssima! A pinga é excelente!

JÚLIA
Saíamos daqui, que da outra sala nos observam. (*À parte*) Meu Deus, já me vou arrependendo do passo que dei! Vamos.

CHEM-CHEM
É o mais acertado. (*Vão para o quarto da esquerda*) Pode entrar.

(*Júlia sai*)

CENA IX

Chem-Chem e Manuel, e Maria escondida.

MANEUL
Coió, és um homem as direitas.

COIÓ
O peixe não é mau... E a fazer-se de tímida... Ora!
(*Aqui Maria vem-se aproximando deles*)

MANUEL (*para Coió*)
Dá cá um abraço.

COIÓ (*arredando-se*)

Chega-te para lá. Bebeste tanto no caminho?

MANUEL (*seguindo-o*)

Não bebi, deram-me a beber. Dá cá um abraço. (*Abraça-o*)

COIÓ

Pior.

(Empurra, e voltando as costas sai. Manuel vai caindo sobre Maria, que o sustém)

MARIA

Estás seguro!

MANUEL

Que é lá? Oh, diabo!

MARIA

Agora é que havemos de ajustar nossas contas.

MANUEL

A conta do vinho bebido está paga; se queres pagar outra...

MARIA

Olhem como está isto! Não tens vergonha? Como está bêbado!

MANUEL

Bêbada estás tu, que estás andando à roda.

MARIA

Isto? Assim é que um maroto deste desacredita os companheiros que são homens sérios e bem morigerados.

MANUEL

Apoiadíssimo!

MARIA

Depois pagam uns pelos outros.

MANUEL

Tu pagas? Vamos a ela, à filosofia!

MARIA

Quem é aquela mulher que trouxeste?

MANUEL

Aquela? (*Rindo-se*) Ah, ah, ah!

MARIA

De que te ris? Quem é ela?

MANUEL

É uma mulher, como tu.

MARIA

Mas quem é? Como se chama?

MANUEL

Como se chama?

MARIA

Sim.

MANUEL

Chama-se... Já não me lembro, mas fui eu que a tirei da casa do pai.

MARIA

Tu? E para quê?

MANEUL

É boa! Para se casar comigo.

MARIA

Ah, contigo? Como está esta cabeça!

MANUEL

Comigo, sim! Então pões dúvida? Tu já não prestas, estás velha, acabada, preciso casar-me de novo e tirei aquela. E viva a pátria!

MARIA

Hei de saber quem é.

MANUEL (*retendo-a*)

Espera... que te enfio!

MARIA

Deixa-me! Quem sabe se não é mesmo alguma amante tua... Larga-me; quero vê-la.

MANUEL (*retendo pelo lenço*)

Diabo!

(*Esforçai-se cada um para seu lado, e Manuel, desprendendo-se de Maria, cai de costas*)

MARIA

É bem feito! E coitada dela, se for tua amante. (*Sai pela esquerda*)

MANUEL (*deitado no chão*)

Espera... Hein? Não responde? Isto está a cair... É um pião, o mundo... Anda às avessas; devia andar assim, e anda assim. Então, não respondes? (*Cantando*) Bravo minha vida, sou todo seu!

JÚLIA (*dentro*)

Senhora, que me quereis?

MANUEL (*no mesmo*)

Quem vem lá? Passe de largo! (*Cantando*) Ora dê-me da branca, senão desmaio.

JÚLIA (*dentro*)

Deixai-me! Quem me socorre?

MANUEL (*sentando-se*)

Quem vem lá? Temos inimigos pela popa.

JÚLIA (*dentro gritando*)

Quem me socorre, quem me socorre?

(Chem-Chem e todos os que estão no bilhar acodem ao grito, Manuel levanta-se)

CHEM-CHEM

O que é? O que foi?

MANUEL

Inimigos pela retaguarda.

(Júlia sai do quarto correndo adiante de Maria)

JÚLIA

Deixai-me, deixai-me!

MARIA (*seguindo-a*)

Quero saber quem sois.

CHEM-CHEM

O que é isso?

JÚLIA (*correndo para Chem-Chem*)

Livrai-me desta mulher!

MANUEL

Faça alto!

CHEM-CHEM

Sossegue! (*Para Maria*) o que foi a senhora fazem naquele quarto?

MANUEL
Apoiadíssimo!

MARIA
Saber quem era esta senhora.

CHEM-CHEM
E que se importa com isso?

MANUEL
Apoiadíssimo!

MARIA
Muito. Meu marido, este beberrão...

MANUEL
Não há de quê.

MARIA (*continuando*)
...foi quem a trouxe, e eu queria saber se era sua amante.

JÚLIA
Meu Deus, a que aviltamento me reduziste! Para que deixei a casa de meu pai?

CHEM-CHEM (*Para Maria*)
Já daqui para fora!

CENA X
Entra Fróis.

FRÓIS
Que bulha é esta?

JÚLIA (*correndo para ele*)
Fróis!

FRÓIS
Júlia, o que foi? O que aconteceu-te?

JÚLIA
Leva-me daqui, vamos!

FRÓIS
Chem-Chem, o que fizeram a esta senhora?

CHEM-CHEM
Foi esta mulher.

MARIA
Veja lá como fala...

MANUEL
Veja lá, hein?

(Aqui aparece no fundo João, seguido de dois companheiros, e vem-se aproximando pouco a pouco de Fróis)

JÚLIA
Vamos, vamos, leve-me deste horrível lugar! Não posso, não devo estar aqui mais tempo.

FRÓIS
Nada temas agora que estais a meu lado, e perdoa-me se por alguns instantes deixei-te entregue aos insultos desta canalha.

TODOS (*insultados*)
Canalha?

FRÓIS
Sim, canalha!

JÚLIA
Fróis!...

(Rumor entre os jogadores)

FRÓIS
Venham agora insultar-te... Agora que tens um defensor! Cambada!

(João e os seus, que a este tempo está por detrás de Fróis, lança-lhe a mão à gola da casaca)

JOÃO
Está preso por parte da Justiça.

JÚLIA
Ah!

FRÓIS
Preso?

JOÃO
Como falsificador de firma. Cá está o mandado.

JÚLIA *(recuando)*
Meu Deus! Falsificador?

FRÓIS
Estou perdido!

MARIA
Olhem o ladrão que nos chamava canalha!

TODOS
Fora o ladrão!

JÚLIA

Ah! (*Pondo a mão sobre o coração e como prestes a cair. Maria, vendo-a nesse estado, corre para junto dela*)

JOÃO (*para Fróis*)
Acompanhe-me.

FRÓIS (*forcejando para soltar-se*)
Deixai-me... Júlia!

(*Júlia desmaia nos braços de Maria*)

MARIA
Desmaia! Senhora?

FRÓIS (*forcejando*)
Deixai-me!

JOÃO
Aguenta, rapaziada, e levemo-lo à força!

(*Os dois que o acompanharam seguram em Fróis*)

FRÓIS (*debatendo-se*)
Oh, oh!

JOGADORES
Fora o ladrão!

JOÃO
Nada de residência à Justiça... Aguenta, rapaziada!

(*Vão conduzindo o à força para fora*)

FRÓIS
Deixai-me, deixai-me! Júlia?

(Todos os jogadores o seguem dando apupadas, assobios e gritando: Fora, ladrão! Fora, ladrão!)

JOÃO

Aguenta, aguenta!

(Levam Fróis à força pelo fundo e saem completamente de cena. Maria tem Júlia sustida nos braços e procura fazê-la tornar a si)

MANUEL *(parado no mesmo lugar, enquanto levam Fróis)*

Ladrão! Ladrão!

MARIA *(para Chem-Chem)*

Ajude-me aqui.

CHEM-CHEM *(chega-se para junto de Maria)*

Pobre senhora! O que faremos?

MARIA

Está fria... não vai ela morrer...

CHEM-CHEM

Pior é essa.

MARIA

Será bom mandar chamar um médico. *(Para Manuel)* Vai chamar um médico.

MANUEL *(aproximando-se)*

Dá cá o pulso.

CHEM-CHEM

Dá-lhe um golpe da gloriosa, e verás.

MARIA

O senhor não tem por aí alguma cama?

CHEM-CHEM
Tenho naquele quarto.

MARIA
O melhor é levá-la para lá, deitá-la; talvez que assim volte a si.

CHEM-CHEM
Pois levemo-la.

(Vão levando a Júlia meio carregada e saem pela esquerda)

MANUEL *(só)*
Dá-lhe a gloriosa sempre-viva! Isto está muito bom. Que ladrão! Ora viva, que tenho as pernas a ver jurar testemunhas... *(Assenta-se à mesa)* O descanso Deus amou. *(Cantando)* Vida de minha vida... *(Pegando na garrafa que está sobre a mesa)* Vem cá, minha companheira. *(Deita vinho no copo e bebe, cantando)* Não tem juízo, diz minha tia, quem nunca prova, filosofia...

CENA XI

Entra apressado Augusto.

AUGUSTO *(entrando e vendo Manuel)*
Oh, enfim o encontro, senhor.

MANUEL
Que é lá?

AUGUSTO
Não foi o senhor que em companhia do Sr. Fróis, ainda não há uma hora, tiraram por justiça a filha do Sr. Florêncio?

MANUEL
E tem que dizer a isto?

AUGUSTO

Aonde está essa senhora? Para onde a conduziram?

MANUEL

Quem? Ela a menina?

AUGUSTO

SIM, sim, e depressa, que talvez ainda seja tempo de salva-la.
Depressa!

MANUEL

Sei lá disso... Importo-me cá com isso...

AUGUSTO (*segurando e sacudindo*)

Hás de dizer, ou eu...

MANUEL

Então, que é lá isso, hem?

CENA XII

Júlia sai do quarto apressada diante de Maria e Chem-Chem.

JÚLIA (*entrando*)

Deixai-me, deixai-me!

AUGUSTO (*vendo-a*)

Dona Júlia!

JÚLIA (*vendo-o*)

Augusto!

CENA XIII

José, só.

JOSÉ (*depois de observar a agosto e Júlia que saem*)

Olá, está belo! Onde! Onde pilharia o malandro esta menina? E parece que vão de batida... Muito bem; cá me ficam as feições, talvez venha a servir... Pareciam-me assim sarapantados... Não tem dúvida, é o que penso.

CENA XIV

Entra Florêncio apressurado.

FLORENCIO (*entrando*)
Senhor?

JOSÉ
Que é lá? (*À parte*) Este também parece-me assaralhado.

FLORENCIO
Sois oficial de justiça?

JOSÉ
Para o servir.

FLORENCIO
Vistes aqui uma moça em companhia de um moço?

JOSÉ
Um moço e uma moça? Vi, vi.

FLORENCIO
E aonde estão?

JOSÉ
A moça é assim de uma estatura regular, cintura fina, corpo bem lançado, olhos vivos e expressivos, boca engraçada...

FLORENCIO
Sim, sim, mas disse-me...

JOSÉ

Homem, deixe-me acabar o retrato. Pé delicado, andar garboso, e um não sei o que de feiticeiro em todos os gestos...

FLORENÇIO

É isso mesmo. E onde está?

JOSÉ

Há pouco que daqui saíram.

FLORENÇIO

Ah, é talvez tarde! Senhor, nesta carteira estão quinhentos Mil... Eles pertencerão à pessoa que dentro de cinco minutos prender esse homem que leva minha filha roubada.

JOSÉ

Oh, a moça é vossa filha e vai roubada? E os quinhentos mil-réis são para a pessoa que prender o mequetrefe?

FLORENÇIO

Sim, e mais ainda, se o pedir.

JOSÉ

No pedir mais não será a dúvida... Esperai aqui um momento, que tereis notícias minhas e do dito. Verá para quanto serve José Patusco em uma ocasião desta. Alerta, rapaz, que os quinhentos estão na unha. Volto em um pulo... *(Sai correndo)*

FLORENÇIO *(senta-se junto a mesa)*

Desgraçado de mim... Filha ingrata! Abandonares teu pai, que tanto te amava, para seguires um homem manchado de crimes e vícios... Tardio andei eu. Fatal compaixão! Se há mais tempo o tivesse à justiça... Ah, a estas horas talvez já ligados! *(Aqui entra pelo fundo Manuel com um papel na mão, que lê atentamente; segue-o Maria)* Oh, que enlouqueço! Com tanto amor criada, para assim acabar... Meu Deus, meu Deus, preveni o crime. *(Esconde a cara nas mãos e fica como absorto)*

MARIA (*para Manuel, à parte*)

Vem para casa. O que estás a ler? Vem!

MANUEL

Cala-te, mulher, olha. (*Mostrando-lhe o papel e lendo*) "Por ordem da Polícia, o oficial de justiça Manuel da Assunção Amor Divino — é cá a pessoa — prenderá onde quer que encontre o réu Fróis Figueiras, por haver falsificado, etc." Então, tem que lhe dizer?

MARIA

Bem vejo, mas como hás de tu prender a um homem no estado em que estás?

MANUEL

Meu estado é... meu estado... (*Vendo Florêncio*) Olá, quem é este?

MARIA

Deixa lá quem está quieto.

MANUEL

Será o meu homem? Vejamos os sinais... (*Vendo no papel*) Alto...

MARIA

Qual alto!

MANUEL

Psiu! (*Lendo*) Vinte e cinco anos... Este não tem mais.

MARIA

Que? Este homem tem mais de cinquenta!

MANUEL

Psiu! (*Lendo*) Cabelos pretos... É ele, não tem dúvida.

MARIA

Pois chamas aqueles cabelos pretos? Brancos como são?

MANUEL

Psiu! Não atrapalhes a Justiça. (*Lendo*) Ar decidido... É ele, não tem dúvida! (*Caminhando para Florêncio e batendo-lhe no ombro*) Estás preso por parte da Polícia.

MARIA

Manuel!

FLORENCIO (*levantando-se*)

Ah, o que quereis?

MANUEL (*agarrando-lhe na gola da casaca*)

Estás preso.

FLORENCIO

Preso? E por quê?

MANUEL

La no xilindró lhe dirão.

FLORENCIO

Mas senhor, quero primeiro saber...

MARIA

Meu senhor, este homem não sabe o que faz, não está em seu juízo.

MANUEL

Meu juízo? Olha que te levo também para cadeia. (*Para Florêncio*) Está preso.

FLORENCIO

Deixai-me!

MANUEL

Está preso, e tenho dito. Aqui está a ordem.

(Apresenta-lhe a ordem, Florêncio, tomando a ordem, lê em silêncio)

MARIA *(para Manuel)*

Larga o homem, que não é este. Não vês que é um velho, e que o outro deve ser moço?

CENA XV

Aqui entra correndo pelo fundo Fróis, todo roto, e sem ver os que estão em cena sai acelerado pela porta da esquerda e a fecha sobre si.

FLORENCIO *(vendo Fróis)*

E ele! *(Para Manuel)* Senhor, viste aquele homem que para ali entrou correndo? É dele que reza esta ordem de prisão. Fazer vosso dever, ide prende-lo!

MANUEL

Ah, a ordem é para ele? Está bom; então queria perdoar. Maria, vamos prendê-lo *(Encaminha-se para a porta por onde saiu Fróis)*

MARIA

Vem cá, homem.

MANUEL

Psiu! Não atrapalhes a Justiça.

FLORENCIO

Depressa! *(À parte)* Como explicar isto? E ela?

MANUEL

Está fechada.

FLORENCIO

Arrombai!

CENA XVI

Entra José trazendo preso Augusto; Júlia os segue.

JOSÉ

Nada de resistência! *(Para Florêncio)* Aqui está o ladrão da moça.

FLORENCIO

Augusto! Júlia!

AUGUSTO *(ao mesmo tempo)*

O Sr. Florêncio!

JÚLIA *(ao mesmo tempo)*

Meu pai!

FLORENCIO

O que quer isto dizer? Como vos achais aqui?

JOSÉ

Este é o ladrão que roubou a vossa filha. Pilhei-os mesmo com a boca na botija. E venham os quinhentos...

FLORENCIO *(para Augusto)*

Explicai-me...

AUGUSTO

Sabendo que infame tirava a vossa filha por justiça, corri em seu alcance, e felizmente ainda cheguei a tempo de a salvar. Conduzia-a para vossa casa, quando este homem prendeu-me e para aqui conduziu-me.

FLORENCIO

E ela? Ela... ainda está livre... ou...

AUGUSTO

Ainda, senhor! O malvado não deve tempo de consumir o crime.

FLORENCIO

Filha, filha, a meus braços, que ainda te posso perdoar! (*Corre e abraça-se com Júlia*)

JÚLIA

Meu bom pai, perdoa-me!

CENA XVII

Entra João, seguido de Chem-Chem e todos os jogadores.

JOÃO (*entrando*)

Por aqui, por aqui; entrou por aqui.

MANUEL

Quem vem lá?

AUGUSTO

O que é isto, senhores?

JOÃO

Oh, cá está o velho! Senhor, pus em execução a ordem de prisão que me deste contra o falsificador; prendi-o e levava-o para cadeia, quando de caminho fugiu. Mas creio que veio para aqui.

FLORÊNCIO

E não vos enganais... Senhores, quinhentos mil-réis prometi eu a este senhor oficial de justiça para prender o indivíduo que ali se acha.

TODOS

Ali?

FLORÊNCIO

Sim. E agora acrescentarei: o primeiro que lhe botar a mão em cima tem um conto de réis.

TODOS

Um conto?

FLORÊNCIO

Sim. E todo aquele que o ajudar depois, terá cinquenta mil-réis.

TODOS

Eu é que hei de ganhar o conto! Vamos, vamos!

(João, José, Chem-Chem e jogadores dirigem-se de tropel para a porta)

JOÃO

Está fechada.

VOZES

Arromba! Arromba!

(Arrombam a porta e saem todos de tropel, empurrando-se uns aos outros)

CENA ÚLTIMA

Florêncio, Augusto, Júlia, Manuel e Maria.

MARIA *(para Manuel)*

E tu, não queres ganhar o conto?

MANUEL

Hei de ganhar como um gato. *(Agacha-se junto à porta, como um gato que espera a presa)*

FLORÊNCIO *(para Augusto)*

Meu caro amigo, como vos hei de eu pagar este serviço?

AUGUSTO

Senhor!

FLORÊNCIO

Filha, filha, estás salva, mas desgraçada! Quem, sabendo do ocorrido, te quererá por esposa?

AUGUSTO

Aquele que conhece sua inocência. Eu, senhor.

JÚLIA

Augusto!

FLORÊNCIO

Marcelo generoso, salvaste-a de um abismo! É bem que ela te pertença. Filha, é teu pai quem te pede.

JÚLIA

E a gratidão que ordena.

AUGUSTO

Somente a gratidão?

JÚLIA *(estendendo-lhe a mão)*

À gratidão segue-se amor.

AUGUSTO *(beijando-lhe a mão)*

Feliz de mim.

VOZES *(dentro)*

Pega, pega!

(Fróis entra de roldão, como querendo fugir de quem o persegue. Manuel, que está à porta agachado salta sobre ele e é levado quase de rastos até o meio da cena, onde caem ambos e rolam. José, João, Chem-Chem e os jogadores entram em cena em seguimento de Fróis, gritando. Vendo no chão com Manuel, caem todos sobre ele, como querendo cada um ser o primeiro em prendê-lo. Rolam todos pelo chão, gritando. Vozes: Fui eu que ganhei! Fui eu! O primeiro fui eu! Fui! Não foi! Ganhei! Ganhei! O conto é meu! Etc.)

FRÓIS (*debaixo do homem*)

Ai, ai, que morro! Ai, ai socorro!

(*Júlia e Maria fogem para a extremidade da direita. Florêncio e Augusto dirigem-se para os homens que rolam pelo chão*)

FLORENCIO

Basta, basta, não o matem! (*Etc.*)

AUGUSTO (*ao mesmo tempo*)

Senhores, olhem que assim o matam! (*Etc.*)

(*Levantam-se todos segurando em Fróis do modo que puderem; qual pelos braços, qual pelas pernas, casaca, etc.*)

FLORENCIO

Enfim, senhor, estás preso!

TODOS (*em confusão e gritando*)

Fui eu o primeiro que o prendi! Fui eu o primeiro! Fui eu!

MANUEL (*com força*)

Psiu! Não atrapalhem a Justiça. Fui eu o primeiro.

MARIA

Vossa senhora bem viu que foi ele o primeiro.

FLORENCIO

Bem sei. (*Para Manuel*) Tereis o conto de réis e cada um dos senhores cinquenta mil-réis. E tu (*Para Fróis*) homem perdido e sem honra, vê na sua felicidade (*apontando para Augusto e Júlia que estão juntos*) o teu primeiro castigo. (*Para os homens*) Levai-o!

TODOS

Vamos, vamos!

FLORENCIO

Meus filhos! (*Abraçando-os*)

JÚLIA (*ao mesmo tempo*)

Meu pai!

AUGUSTO (*ao mesmo tempo*)

Meu pai!

MARIA (*ao mesmo tempo abraçando Manuel*)

Que felicidade!

MANUEL (*abraçando Maria*)

Um conto de réis!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com